

# 1

Bobinha, de mim já não falo. Me enxugava no banheiro. Puxa, que susto.

— Está nascendo cabelo...

Um por um, tentei arrancar — doía muito. Confessei a medo para minha irmã.

— Lá embaixo.

Ela me acalmou:

— Sua tonta, é assim mesmo.

Quando veio a primeira vez, bem me apavorei.

— Estou sangrando. Acho que vou morrer.

Correndo a toda hora ao banheiro.

— Estou me esvaindo...

De novo, minha irmã:

— Agora você sabe. O que é moça. Daqui a um mês. Todo mês.

Me ensinou a usar toalhinha, ainda o tempo da toalhinha. Esquecida horas no banheiro, lavando, lavando. Para a mãe não ver.

O seio aflorando, o biquinho doendo — de sete novenas fiz promessa.

— Meu Deus, me acuda. Se aperto o biquinho, sai leite?

O primeiro namorado, sabe o quê? Ah, o beijo único na boca. Já era pecado: duas línguas na boca. Me abraçava, eu tremia de gozo. Tanto medo: duro, grande, furando a calça. O tempo das primeiras calças justas. Ele descia reto: o começo ali no umbigo? Como adivinhar que se dobrava para cima?

Os dois de pé, na varanda, naquelas tardes fagueiras. Qual era o versinho antigo? À sombra das bananeiras, agarradinhos, debaixo dos laranjais. Pelos cantos, a sua terceira mão, na escola noturna. Oh, João.

Passamos o domingo na praia. Galinha com farofa, a descoberta do mar, o rosto em fogo do sol. De volta, no ônibus, minha mãe dormia ao lado. Começamos a nos beijar ali no escuro.

— É um jogo — eu disse. — O que faço em você, faz em mim.

Morria de vontade que me pegasse no seio. Qual seria a sensação? Primeiro um beijinho no nariz. Alisei o queixo, a penugem do braço. Abri-lhe a camisa, achei um cabelo crespo no peito. Um olho nele, outro na mãe dormindo. Se ela acorda, já pensou?

— Cuidado, menina. Eu faço o mesmo.

Ele mal desconfiava, só o que eu pedia. Fechei o olho — foi uma gritaria por dentro. Queria mais, da mãe esqueci, fiquei perdida. Ele se afastou, respirando fundo:

— Vamos parar. Não aguento mais. Com falta de ar.

Altão, magro, só osso. Bronquite asmática — não podia ficar nervoso, entrava em crise. Quase morria, máscara de oxigênio e tudo.

Um dia foi lá em casa. Fazia frio, decerto junho. Em férias, eu ainda na cama.

— Pula daí, menina.

— Ai, que gelo.

— Não seja preguiçosa.

— Deite você comigo.

Quase meio-dia. Lá embaixo a mãe se dividia entre a cozinha e o tanque de roupa. Minha irmãzinha brincava na outra cama.

Daí o João deitou. Chateada, a bruxinha negra saiu, com a garota pela mão. De repente o silêncio — não, o rádio ligado, quem era mesmo que cantava? E tinha sol — uma réstia amarela no tapete xadrez. Mil pontinhos de luz bulindo ali no ar. A porta aberta, eu enxergava o corredor, meu quarto era o último — se alguém subisse a escada.

Eu no pijama de pelúcia. Ele, calça de lã e japona marrom. Começou a me abraçar e beijar. Afastou o lençol, já debaixo das cobertas — corpo a corpo. Ficou excitado. Uma bolina — então se dizia bolina — tão gostosa. Tirou para fora, era a primeira vez. Não cheguei a ver. Me fez pegar: grande, todo se mexia. Com medo, mas queria — como é que podia caber? Não, agora me lembro, o pijama azul de seda com bolinha. No meio das pernas, aquele volume palpitando. Pediu que me virasse. Baixou a calça do pijama, entre as coxas — tão quente, me queimou a pele, até hoje a cicatriz. Eu queria, mas ele só encostava.

— Um dia eu faço. Se a gente casar.

— Não, amor. Depois a gente. Agora. Eu quero. Sim.

Acho que fiz muito escândalo, devo ter gemido, quem sabe gritado. O João se assustou, ficou com medo. Se minha mãe sobe a escada, já viu? Eu xinguei, decepcionada e furiosa. Ele à tarde estava com outra calça.